

O LEGADO DE SUZANNE BRIET: VIDA E OBRA ALÉM DA DOCUMENTAÇÃO

Elisa Cristina Delfini Corrêa

Docente do Departamento de Biblioteconomia e Gestão da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina. Doutora em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina.

E-mail: elisacorreia61@gmail.com

Daniela Fernanda Assis de Oliveira Spudeit

Docente do Departamento de Biblioteconomia e Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina. Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina.

E-mail: danielaspudeit@gmail.com

RESUMO

Objetiva apresentar um olhar mais amplo sobre a vida e obra da bibliotecária e documentalista Suzanne Briet, famosa pelo livro "O que é a documentação?", seu inegavelmente um dos mais importantes legados como autora para a Biblioteconomia e Ciência da Informação, sempre revisitado em análises e estudos até os dias atuais. Entretanto, procura-se neste artigo, apresentar outras importantes contribuições desta ilustre personagem da história da Ciência da Informação revelando facetas igualmente interessantes que podem tornar Briet uma referência também em outras áreas da vida na sociedade atual. Por meio de uma pesquisa descritiva, bibliográfica e documental explorou-se um pouco mais a história de Briet, destacando três áreas de atuação que a tornam uma personalidade ainda mais cativante: seu trabalho na Biblioteca Nacional da França, sua atuação na criação e participação em organizações francesas e internacionais para a luta a favor dos direitos das mulheres e sua carreira como autora de uma extensa lista de obras publicadas, cujas temáticas giram em torno tanto de sua área profissional enquanto bibliotecária e documentalista, quanto como historiadora. Verificou-se que o extenso legado deixado por Briet a partir de sua vida e obra a tornam uma personagem ainda mais importante e inspiradora para os dias de hoje, diante dos desafios enfrentados pelas mulheres e profissionais de Ciência da Informação.

Palavras-chave: Suzanne Briet – vida e obra; Biblioteconomia; Documentação; Suzanne Briet - movimento feminino; Suzanne Briet – escritora e historiadora.

THE LEGACY OF SUZANNE BRIET: LIFE AND WORK BEYOND THE DOCUMENTATION

ABSTRACT

This article aims to present a broader look at the life and work of the librarian and documentalist Suzanne Briet, famous for the book "What is documentation?", her undeniably one of the most important legacies as an author, always revisited in analyzes and studies to

the present day. However, this article seeks to present other contributions of this important character in the history of Information Science revealing equally interesting facets that can make Briet a reference for today's society. Through a descriptive, bibliographical and documentary research, Briet's history was explored a little more, highlighting three areas of action that make her an even more attractive personality: her work in the National Library of France, her work in the creation and participation in French and international organizations for women's rights and its extensive list of published works, whose themes revolve around both their professional area as a librarian and documentary as well as a historian. It has been found that Briet's long legacy from her life and work has made her an even more important and inspiring character in the face of the challenges faced by women and CI professionals.

Keywords: Suzanne Briet - life and work; Librarianship; Documentation; Suzanne Briet - women's movement; Suzanne Briet - writer and historian.

1 INTRODUÇÃO

Reneé-Marie-Helene-Suzanne nasceu em 01 de fevereiro de 1894, em Paris, mas cresceu na região das Ardenas no norte da França. Quando se casou, durante a década de 1930, ela usou seu nome de casada, Suzanne Dupuy (ou Dupuy-Briet), mas depois voltou a usar o sobrenome Briet (BUCKLAND, 2005).

Foi Bibliotecária e documentalista no qual se tornou famosa por sua contribuição para a área de Biblioteconomia e Ciência da Informação (CI) no século passado, tendo sido conhecida em especial por sua obra publicada em 1951 "O que é a documentação?" (Qu'est-ce que la documentation?), inegável a importância desse legado, sempre revisitado em análises e estudos até os dias atuais.

Contudo, um olhar mais amplo para a vida desta ilustre personagem da história da CI, revela facetas igualmente interessantes que podem tornar Briet uma referência também em outras áreas da vida na sociedade de hoje. O presente artigo tem como finalidade explorar um pouco mais a sua história, destacando três áreas de atuação que tornam Suzanne Briet uma personalidade ainda mais cativante: seu trabalho como

bibliotecária na Biblioteca Nacional da França (BNF), sua atuação no movimento feminino internacional e sua carreira como escritora e historiadora

Em sua vida se dedicou a vários projetos pioneiros para sua época. Antes de atuar como bibliotecária, lecionou inglês e história entre 1917 a 1920 em uma escola secundária em Annaba, na Argélia, África. Com 25 anos, Briet auxiliou na criação da organização não-governamental internacional Zonta¹ em 1919, para o reconhecimento dos direitos das mulheres pelo mundo. Mais tarde, tornou-se presidente da União das Mulheres Europeias em que participou de muitas ações em prol da valorização e empoderamento feminino.

Após voltar para Paris, cursou Biblioteconomia e assumiu o cargo de bibliotecária na Biblioteca Nacional da França em 1924, uma das únicas três mulheres da época que atuavam nessa instituição.

Essas contribuições de Briet para a Biblioteconomia e para a sociedade reverberam ainda hoje e, portanto, merecem que dediquemos um olhar mais atento ao legado deixado por essa intrigante personagem feminina (e, porque não dizer, feminista) de nossa história.

2 CONTRIBUIÇÃO DE BRIET PARA A BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA

A modernização da Biblioteca Nacional (BN) da França foi a primeira prioridade de Pierre-René Roland-Marcel, que se tornou administrador-geral em 1924. Embora não tivesse experiência anterior com bibliotecas, ele trouxe para o cargo considerável conhecimento em administração pública, bem como laços com as principais figuras políticas (MAACK, 2003). Pierre imediatamente iniciou reformas legislativas que tornariam a biblioteca mais sustentável financeiramente ao mesmo tempo que estendia sua autoridade sobre várias das grandes bibliotecas de pesquisa de Paris.

Para atingir seus objetivos ambiciosos, Roland-Marcel precisava recrutar pessoal com uma nova visão que revitalizasse o espaço e estava ansioso para contratar Suzanne Briet quando soube que ela obtivera o primeiro lugar no exame de certificação nacional para bibliotecários e foi altamente recomendada por seus professores. Depois de entrevistá-la, Roland-Marcel escreveu ao Ministro de Instrução Pública e Belas Artes em julho de 1924 e solicitou autorização para contratá-la imediatamente pois acreditava ser um membro valioso da equipe porque falava inglês fluentemente, além de ter conhecimento prático e um intelecto

¹ <http://www.zonta.or>

excepcional. Embora Roland-Marcel tenha concordado em aguardar a aprovação da legislação pendente na BN antes de nomear novos funcionários, ele foi em frente com a indicação de Briet "como um caso excepcional" (MAACK, 2003).

Quando finalmente Suzanne Briet começou sua carreira na Bibliothèqe Nationale com a idade de trinta anos, entrou em um campo que em breve seria reformulado pela convergência de dois movimentos na França - a "biblioteca moderna" movimento e o surgimento da documentação como uma profissão distinta com suas próprias técnicas, padrões e treinamento. Maack (2003?, p. 721) afirma que, nessa época, a biblioteca era considerada um espaço masculino, o que representou um grande desafio para sua atuação profissional². A autora explica que Briet também testemunhou e participou de uma série de reformas e inovações que eventualmente transformariam a BN de uma instituição limitada por tradições elitistas e um orçamento insuficiente em uma biblioteca nacional com um papel vital de liderança na França.

Briet é considerada uma das pioneiras da feminização da Biblioteconomia na França que, segundo Buckland, ocorreu entre a primeira e segunda guerras mundiais. Segundo o autor (1995, p.235):

Muitas novas ideias estavam sendo introduzidas naquela época, algumas influenciadas pela prática norte-americana e encorajadas pela Escola da Biblioteca de Paris que operou, sob o patrocínio da Associação Americana de Bibliotecas, de 1923 a 1929. Deve ter sido uma experiência interessante, apesar das dificuldades políticas e econômicas e, mais tarde, da Segunda Guerra Mundial.

Ao iniciar seu trabalho na Biblioteca Nacional da França (BNF) em 1924, Suzanne conheceu outras mulheres ilustres para a Ciência da Informação: Louise Noelle Malclès (1899-1977), que cuidava da sala da bibliografia da Sorbonne, Yvonne Odon (1902-1082), responsável da literatura geográfica para o Biblioteca Nacional e finalmente, Georgette de Grolier (1899-1988). Todas essas mulheres são nomes importantes para o desenvolvimento e consolidação de ações em prol da informação científica na França.

Paralelo ao trabalho desenvolvido na BNF, Suzanne, junto com Jean Gerard³ (1890-1956) em 1931, criou a União Francesa de Organismos de Documentação (UFOD).

² Esse aspecto será melhor discutido na próxima seção.

³ Era engenheiro químico onde foi presidente do Instituto de Química, criou a Sociedade de Química Industrial em 1917 e sempre militou por uma rede de informação universal. Seguiu as ideias de Paul Otlet

Foi a primeira associação francesa de profissionais da documentação e teve como objetivo: “Difundir documentos em todos os ramos do conhecimento humano”. A instituição congregou profissionais que atuavam com documentação de instituições públicas e privadas. Em 1943, já haviam 82 instituições membros da UFOD.

Feminista e ativista, participante do movimento de educação popular, ela acreditava na democratização do acesso à informação para todos e foi isso que norteou sua vida profissional. Além de atuar ativamente na UFOD, foi membro da Bureau Bibliographique de France (BFF) e Association pour le developpment de la Lecture Publique (ADLP).

Dessa forma, em 1950 elaborou o relatório sobre formação profissional dos bibliotecários e documentalistas para UNESCO, em seguida desenvolveu um plano para a criação da primeira escola de Documentação do mundo. Em 1951, tornou-se a diretora fundadora de estudos do Instituto Nacional de Técnicas da Documentação e, mais tarde, vice-presidente da Federação Internacional de Documentação (FID). Segundo Robinson (2016) Suzanne Briet recebeu uma bolsa da Fulbright para visitar os Estados Unidos de 1951 a 1952, dando sequência à sua pesquisa sobre educação profissional. De acordo com Maack (2004, apud Robinson, 2016), ela também procurou entender o significado do serviço de referência, com foco na técnica, e não na tecnologia, e nos usuários e serviços de referência, em vez da recuperação de informações.

Foi nesse mesmo ano (1951) que publicou o Manifesto de Documentação, conhecido como *Qu'est-ce la documentation?* obra que trouxe importante contribuição para os estudos da Ciência da Informação onde ficou mundialmente conhecida como “Madame Documentação”⁴.

Robinson (2016) aponta que durante seu período na (BNF) Briet testemunhou a implementação de uma grande mudança tecnológica no ano de sua nomeação: a eletrificação do edifício Richelieu, do século XVII. Robinson transcreve a experiência com as palavras da própria Briet:

Eu assisti ao nascimento da eletricidade na BN. . . . Durante o inverno, e sob céu nublado, todo o trabalho era impossível nas salas de leitura e nos

e apresentou uma proposta para duas redes: uma nacional constituída por organizações de informação e uma internacional baseada nas várias disciplinas (HAHN, BUCKLAND, 1998, p. 187).

⁴ Termo cunhado por Michael Buckland (1996), um dos autores responsáveis pela divulgação do trabalho de Suzanne Briet.

escritórios depois das três da tarde [...] Foi um espetáculo inesquecível ver as lâmpadas verdes explodirem em flor nas mesas⁵

Contudo, a principal realização e contribuição profissional de Briet para a Biblioteca Nacional da França foi a "Salle des Catalogs et Bibliographies" criada a partir da remodelação de um antigo porão da biblioteca. Isso começou em junho de 1928 quando Suzanne começou a organizar os pedidos de informação que chegavam à BN.

Briet foi fortemente influenciada pelas recomendações feitas por especialistas da biblioteca nas reuniões de 1927, em Paris, patrocinado pelo Instituto de Cooperação Intelectual da Liga das Nações. As resoluções recomendadas que (1) cada biblioteca nacional estabelecesse um "centro de informação nacional" onde pesquisadores poderiam descobrir em qual biblioteca ou a coleção especial o material impresso ou documentação que precisavam estaria localizada; (2) que o centro de informação nacional contivesse catálogos, bibliografias impressas, fontes biográficas, União catálogos e diretórios de coleções especiais em todo o país; (3) que estes centros nacionais em estreito contato com o outro a fim de responder a perguntas sobre recursos dentro de seu país de origem e para centralizar as solicitações dos pesquisadores para obter as informações que precisam ser respondidas no exterior. Já em 1927, Roland-Marcel começou a lançar as bases para o estabelecimento de tal centro para a BN atribuindo Briet a tarefa de compilação de um diretório de coleções especiais realizada pelas principais bibliotecas da França. Por 1928 este catálogo de cartão não só continha informações sobre coleções especializadas mas também listados impressos catálogos de bibliotecas francesas e estrangeiras; Além disso tinha uma seção que serviu como uma bibliografia de bibliografias e outro que indexados o trabalho realizado pelo escritório de documentação. (MAACK, 2003).

Dessa forma, entre 1928 e 1929, Briet desenvolveu um planejamento para um centro de orientação que iria fornecer informações aos usuários da biblioteca, bem como responder a solicitações de escrita para obter informações de pesquisadores na França e em outros países. Embora Briet não usasse o termo "serviço de referência", ela e Roland-Marcel estavam cientes do tipo de serviço de informação e referência disponíveis em bibliotecas americanas. Ela percebeu claramente que a oferta de novos serviços aos leitores e fácil acesso à coleção de bibliografia eram tão inovadoras para uma biblioteca nacional como o ar condicionado e iluminação moderna na época, favorecendo o acesso às informações e poupando o tempo dos pesquisadores.

⁵ Briet (1976) apud Maack, M. N. (2003?) *The Lady and the Antelope: Suzanne Briet's Contribution to the French Documentation Movement*. *Library Trends* 52(4): 719-747

Além de disponibilizar essas bibliografias retrospectivas, o serviço criado por Briet na BNF também produziu um catálogo de cartões, conhecido como o índice de documentação central que foi organizado como um catálogo de dicionário pois, continha cartões para todos os catálogos de exposições, bem como bibliografias de coleções especiais da BNF. Ela também incluiu informações sobre outras bibliotecas e centros de pesquisa na França, indicando se eles produziram bibliografias do assunto ou indexados atuais periódicos na sua especialidade.

O serviço criado por Briet disponibilizava: a) orientação bibliográfica por meio da oferta de informações sobre as coleções e serviços da BN; (b) orientação aos pesquisadores em direção as coleções principais em Paris e, eventualmente, aqueles nas províncias; (c) fornecimento de informações em institutos de pesquisa e centros de documentação e sobre os indivíduos mais qualificados para orientar ou para realizar um determinado tipo de pesquisa; direcionava o leitor para coleções de biblioteca especializada. Além disso, preparava arquivos do cartão e índices impressos, diretórios e bibliografias como exemplos de serviço de documentação para o BN; estas publicações incluíram o *Índice Bibliographicus* patrocinado pela Instituto de Cooperação Intelectual da Liga das Nações; uma lista da União de periódicos estrangeiros recebidos pelas bibliotecas parisienses; e uma bibliografia de catálogos de exposição (MAACK, 2003).

Entre 1934 até 1954, Briet planejou e dirigiu este setor que reunia e tornava os catálogos e bibliografias da Biblioteca Nacional francesa acessíveis para todos. A criação desse setor e serviço oportunizou o acesso à importantes documentos para pesquisadores e evidenciando um novo e necessário papel da biblioteca nacional como um verdadeiro centro de documentação nacional, algo pioneiro para a época. Em 1950 recebeu a Cruz da Legião de Honra como condecoração pela criação desse setor (BUCKLAND, 2005, 2017; DAY, 2006/2007).

Figura 1 - Suzanne no setor de catálogos e bibliografias



Fonte: Maack (2003).

Figura 2 - Salle des Catalogs et Bibliographies



Fonte: Maack (2003)

Day (2006/2007) explica que Briet defendia que os documentos deveriam estar inseridos nos contextos culturais das pessoas que os utilizam. Documentalistas podem não apenas recuperar documentos, mas também prospectar informações ainda não solicitadas, traduzir informações de outras linguagens, documentos abstratos e de índice e, em geral, trabalhar proativamente dentro da dinâmica do avanço do conhecimento em um campo.

Nesse contexto, Briet ampliou o significado do que era considerado um documento e defendia que bibliografia não deveria ser focada somente na coleção de livros, mas sim com acesso às evidências e informações contidas neles. Assim, qualquer objeto ou evento que evidencie algum fato era funcionalmente um *documento*, não apenas,

ou principalmente, livros ou outras fontes de papel. Isso permitiu que uma variedade de materiais em diferentes suportes fosse incorporada ao Setor e que fossem planejados serviços específicos para auxiliar no acesso às informações contidas nos documentos.

Para Briet, as bibliotecas eram um tipo de centro de documentação que davam um lugar privilegiado à forma e à figura do livro como o material central para as coleções de bibliotecas, defendia que esses centros de documentação deveriam unificar uma ampla variedade de recursos e fontes de informação para auxiliar o trabalho dos pesquisadores e atender as necessidades potenciais.

A compreensão de Briet sobre documentação ou informação é baseada em entendimentos sociológicos e culturais das necessidades dos usuários, expressos por modos de vida e vocabulário. Sua noção do usuário não é de necessidades individuais e satisfações psicológicas, mas sim necessidades institucionais e culturais para a realização de tarefas e a resposta a perguntas formuladas a partir de situações sociais e formas culturais. A satisfação que chega ao usuário do documentalista é a satisfação de poder fazer coisas com documentos em todas as mídias e gêneros disponíveis (DAY, 2006/2007).

Percebe-se que Briet enfatizava a importância das formas culturais e das situações e redes sociais na criação e resposta às necessidades de informação, em vez de ver as necessidades de informação como eventos psicológicos internos. Ela desafia nossas suposições comuns sobre o papel e as atividades dos profissionais da informação e sobre a forma e a natureza dos documentos. Ela fala à nossa idade de bibliotecas digitais, com suas formas multi-documentárias, mas também desafia os pressupostos conceituais sobre a forma e a organização do conhecimento em tais bibliotecas digitais.

Outro importante legado de Suzanne Briet pela Biblioteca Nacional é a impressionante lista de publicações históricas, literárias e profissionais. Suas contribuições para a literatura da biblioteca foram multifacetadas e incluem: diretórios e bibliografias; artigos sobre seu trabalho para a BNF; relatórios sobre o trabalho de UFOD e em conferências internacionais; e debates sobre a natureza da documentação e da educação dos documentalistas.

A “madame Documentação” se dedicou aos serviços voltados para as necessidades das pessoas desenvolvendo um centro de orientação bibliográfica, inovador para época, que buscava otimizar o tempo e recursos dos pesquisadores que procuraram informações na Biblioteca Nacional da França. Se diferenciou por estar atenta às necessidades do público e ciente dos recursos disponíveis para tornar as informações

acessíveis a todos, pois além de centralizar informações bibliográficas também pensou em formas de proporcionar um meio de consulta às coleções especializadas localizadas em outros lugares.

Em 1951 publica sua principal obra “Qu'est-ce que la documentation?” conforme Saldanha (2012) analisa criticamente fazendo uma comparação das ideias dela como “discípula” de Otlet.

Segundo Ortega (2007) entre 1951 e 1952 Suzanne fez uma viagem exploratória aos Estados Unidos e conheceu o vigor do desenvolvimento dos serviços das bibliotecas especializadas nos Estados Unidos, muito parecidos com os centros de documentação franceses, porém com outra nomenclatura.

Em 1954, aos 60 anos, Briet se aposentou prematuramente, aparentemente desencorajada por uma resistência geral a novas ideias. Sua personalidade marcante refletiu não apenas em sua carreira, mas também em suas lutas pelos direitos das mulheres, tornando-a uma referência para o movimento feminino francês e mundial. Sua liderança nesse movimento será abordada a seguir.

3 A LUTA PELOS DIREITOS DAS MULHERES

Assim que ingressou na BNF, Suzanne Briet já pôde sentir os primeiros sinais do enfrentamento masculino em oposição à presença feminina no trabalho na biblioteca.

Ao retomar a história e o legado de Briet na BNF, Maack comenta que Roland-Marcel tinha ambiciosos planos de modernizar a biblioteca por meio da criação de sua legislação e sua revitalização financeira e, para isso, era necessário recrutar pessoal que o acompanhasse nessa visão. Maack nos conta que Roland-Marcel estava ansioso para contratar Suzanne Briet quando soube que ela obteve o primeiro lugar no exame nacional de certificação para bibliotecários e tinha sido altamente recomendado por seus professores:

Depois de entrevistá-la, Roland-Marcel escreveu ao ministro de instrução pública e artes finas em julho de 1924 e solicitou autorização para contratar imediatamente a Mlle. Briet, pois acreditava que ela seria um membro valioso dentre o seu pessoal, porque falava inglês fluentemente, tinha conhecimento prático e um excelente intelecto. Embora Roland-Marcel tenha concordado em aguardar a aprovação da legislação sobre a BN antes de nomear

uma nova equipe, ele seguiu em frente com a nomeação de Briet “como um caso excepcional” (ROLAND-MARCEL, 1924)

A força da resistência masculina ao trabalho feminino na biblioteca fica comprovada no texto de Maack (op.cit) quando afirma que

A única referência direta de Briet a Roland-Marcel em suas memórias um incidente no início de sua carreira, quando ela era uma das apenas três mulheres em sua equipe profissional. Ela observa que o administrador geral “teve a honra” de trazer à sua atenção uma moção apresentada a ele pelos delegados de um clube informal (amicale) de funcionários do sexo masculino pedindo que o número de mulheres bibliotecárias seja limitado. O pedido foi motivado pelo fato de ter sido uma mulher promovida a uma posição gerencial (conservadora-adjunta) e que ela não teria autoridade sobre seus colegas ou subordinados.

Maack diz em seu artigo que Roland-Marcel então confessou-lhe que a atitude desses delegados foi-lhe tão desagradável que ele pretendia tomar um rumo oposto de ação (Briet, 1976, Amicales, p. 14). Merece destaque o desempenho de Roland-Marcel que, durante os seis anos em que dirigiu a biblioteca, conseguiu nomear outras profissionais do gênero feminino, apesar de ter poucas linhas salariais disponíveis.

Embora nem todos os bibliotecários masculinos fossem hostis à nomeação de mulheres, E. G. Ledos, que liderou o departamento de catalogação, reconheceu que havia considerável ceticismo e ambivalência sobre o crescimento do “elemento feminino” na equipe profissional (MAACK, 2003?, p. 723).

Ledos escreveu em 1936: “Embora a carreira da [biblioteca] tenha sido aberta a mulheres no exterior por muito tempo, a França resistiu bastante à essa ideia, e não havia uma clara apreensão sobre o que resultaria dessa experiência. Por sua inteligência, produtividade e comprometimento, as duas primeiras mulheres que foram designadas para o Catálogo Geral [. . .] dissiparam todos esses medos e causaram preconceitos silenciosos” (op.cit.,p. 243).

Assim, por meio de seu trabalho como bibliotecária, Briet pôde desenvolver sua liderança no movimento feminino dentro e fora da BNF, numa época onde a atuação feminina em instituições importantes como esta ainda eram muito raras. Briet acreditava no controle da informação por todos e na democratização do acesso de todos à informação. Toda a sua vida profissional foi orientada para esse ideal.

Briet fez parte de um seleto time de mulheres que abriram caminhos para que a figura feminina ingressasse em grandes instituições nacionais não apenas na França, onde outras personagens femininas também se destacaram, mas também nos Estados Unidos da América, onde o nome de Margaret Mann recebe destaque na biblioteca da Sociedade de Engenharia, em Nova Iorque.

Para que pudessem assumir seu espaço no mundo de trabalho da época, tanto Briet quanto suas colegas francesas precisaram agir de forma estratégica e política. Isso só foi possível porque as mulheres permaneceram unidas nesse propósito, mas também pela arte de conquistar aliados, inclusive do gênero masculino, nas instituições em que trabalhavam.

Dessa forma, puderam construir carreiras de sucesso numa Biblioteconomia até então dominada pelos homens. Essas mulheres, bibliotecárias e produtoras intelectuais, evoluíram em contextos particulares, sendo que as francesas enfrentaram maior resistência que as norte americanas, embora a discriminação hierárquica e territorial fosse comum aos dois países.

Briet expandiu sua atuação em favor dos direitos das mulheres participando ativamente na criação da organização não governamental internacional Zonta para o reconhecimento das mulheres no mundo, em atuação até dos dias de hoje. Na década de 1950, criou e assumiu a presidência da l'Union des femmes européennes (União das Mulheres Europeias). Esse legado deixado ao movimento feminino ecoa em nossa sociedade contemporânea: ambas as instituições permanecem ativas e ainda muito necessárias.

Entrevistada por Renée Lemaître e Mary Maack nos anos 80, Suzanne Briet confessa sua dificuldade em conseguir expor sua trajetória como feminista, pois sua luta era tanto proativa quanto discreta, fruto de uma educação que lhe ensinou a ser reservada e modesta. Mulheres intelectuais e de atitude ainda não eram admitidas nos anos 1920-1930: "Suzanne Briet não teve medo de agir, mas estava com medo de ser mal julgada por ousar agir, ela, uma mulher, frente à frente com os homens que não sabiam empreender".

A atuação feminista de Briet é inspiradora e ainda necessária atualmente. Os direitos conquistados pelas mulheres permanecem ameaçados pela cultura machista que persiste no século XXI. Conquistar seu espaço na Biblioteca e Documentação francesas demandou grandes esforços e a fez enfrentar constantes resistências as suas ideias inovadoras, levando-a a sua aposentadoria precoce. Tanto que Buckland, autor cujos

textos trouxeram de volta o reconhecimento de Briet para a CI, chega a afirmar que “É inconcebível que uma das melhores teóricas francesas da ciência e da sociedade da informação tenha sido totalmente negligenciada na França. Espero sinceramente que seu trabalho seja reconhecido e estudado na França. Suzanne Briet merece ser lembrada.” (RAUZIER, 2006, não paginado).

A aposentadoria, no entanto, permitiu que Suzanne Briet pudesse dedicar seu tempo e energia a outra de suas paixões: a escrita. Seu legado como escritora e historiadora será apresentado a seguir.

4 O LEGADO DE BRIET COMO HISTORIADORA E ESCRITORA⁶

Sem sombra de dúvidas, a obra mais conhecida de Briet, em especial na área de Biblioteconomia e CI, é seu tratado sobre documentação e, certamente, esse pode ter sido o maior dos legados deixados por ela como autora, como já frisado. No entanto, estudos sobre informação e memória ou sobre educação ou áreas de atuação em Biblioteconomia e Documentação, por exemplo, referem-se a outras possibilidades de pesquisa teórica com valor histórico nas quais Briet pode contribuir nos dias atuais.

Briet é autora de uma extensa lista de textos que incluem relatórios, catálogos, livros e outros documentos publicados em um período impressionante de 60 anos, compreendido entre 1925 a 1985. BUCKLAND (2017) compilou uma lista considerável – e assumidamente não definitiva – das obras de Suzanne Briet, fruto de pesquisa em diferentes fontes, onde aponta que Briet escreveu utilizando diferentes nomes Suzanne Dupuy, Suzanne Dupuy-Briet e Suzanne Briet-Cartulat⁷.

Buckland relaciona mais de 100 obras de autoria de Briet: as do início de sua carreira (1925) são fruto de sua atuação como historiadora e, a partir de 1928, surgem as primeiras obras sob sua responsabilidade autoral na área de Biblioteconomia e Documentação, a primeira delas sobre a Biblioteca Nacional da França.

⁶ São raras as menções sobre a vida de Briet enquanto escritora e historiadora. As informações descritas nesta seção provém, em sua maioria, do excelente texto de Maack (2003?), o qual recomendamos a leitura, e de algumas notas de Buckland (1995, 2005/2017)

⁷ Sugerimos conferir a bibliografia de Briet reunida por Buckland em 2005 e revisada em 2017, disponível em <http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/Brietwebbib.pdf>

Até a década de 1950 são listadas cerca de 60 obras de Briet sobre temáticas dirigidas à Biblioteconomia e Documentação que abordam, por exemplo, a formação de bibliotecários e documentalistas, criação de catálogos ou normalização. Boa parte desses textos são frutos de seu trabalho na BNF, apresentações de trabalhos em congressos, relatórios de pesquisa realizados em comissões de organizações de bibliotecas e documentação francesas ou de outros países.

Seus livros refletem seus interesses como historiadora, em especial, sobre personagens da história da França, como podemos constatar a seguir. Em 1954, aos 60 anos e a partir de sua aposentadoria, partiu para a carreira de historiadora, dedicando-se a escrever, sobretudo, a respeito de Rimbaud. Durante as décadas de 1950 e 1970 foram mais de 20 textos sobre a família Rimbaud.

A escrita de Briet reflete sua educação e seu contexto social e cultural. Seu trabalho histórico é cuidadosamente documentado. Por quase trinta anos ela escreveu sobre a história da região de Ardennes no norte da França, sua terra ancestral e dos indivíduos nascidos lá, incluindo o brilhante jovem poeta Arthur Rimbaud, a quem ela via como um símbolo duradouro do espírito humano e sobre quem escreveu vários títulos.

Um de seus últimos textos foi o livro com suas memórias "Entre Aisne et Meuse et au-delà: souvenirs" (Entre Aisne e Meuse e além: memórias), publicado em 1976 já aos 82 anos de idade: uma coleção de anedotas e observações irônicas, caprichosas e nostálgicas são organizadas apropriadamente para um documentalista, sob palavras-chave em ordem alfabética (BRIET, 1976), ao invés de ordem cronológica, descritas por Maack (2003?) como "idiossincráticas".

Em seu prefácio intitulado "Ao abrir o alfabeto", Briet declara que não tem intenção de escrever uma autobiografia nem de fornecer documentação organizada dentro um quadro cronológico. Na verdade, ela dispensa completamente as datas. É com ironia intencional que esta mulher que se formou em história, afirma Maack (op.cit.), que dedicou toda a sua carreira à organização racional da informação e escolheu apresentar sua própria vida "sem qualquer ordem sistemática" (BRIET, 1976, p. 30, apud MAACK, 2003?).

Por 25 anos ela esteve na linha de frente com os pioneiros que eram então os líderes de nosso campo de estudos: Samuel Bradford, Watson Davis, Jean Gerard, Paul Otlet, Walter Schieirmeyer, Jean Wyatt e outros. Sua memória teria sido uma fonte primordial para esse período importante mas, infelizmente, não há menção a nenhuma

dessas pessoas e muito pouco dessa parte de sua vida em suas memórias. Para Briet, pessoa muito discreta, provavelmente teria parecido arrogante e de mau gosto ter descrito suas próprias realizações e teria sido impróprio e indiscreto ter comentado sobre as de seus colegas.

O legado de Suzanne Briet se expande por meio das demais obras escritas ao longo de sua vida. As temáticas abordadas em seus textos durante os 60 anos em que se dedicou à escrita variavam com frequência entre seus interesses como historiadora e bibliotecária/documentalista, mas podemos encontrar em sua extensa bibliografia, compilada por Buckland, também textos em que atuou como tradutora, relatos de viagens, e obras inusitadas com canções de ninar para crianças.

5 CONCLUSÃO

O propósito inicial deste artigo foi apresentar a vida de Suzanne Briet sob outros olhares, para além de seu legado mais conhecido na área da Documentação. Como autoras, acreditamos que esse objetivo inicial foi atingido. No entanto, acreditamos ter atingido objetivos que não traçamos, pois a ideia original não previa o impacto que a pesquisa nos traria enquanto cientistas da informação, mulheres e autoras. Impressionante a identificação imediata causada a partir da pesquisa e escrita do artigo.

Suzanne Briet tornou-se uma personagem extremamente instigante, cuja obra merece ser melhor explorada. Realizar a pesquisa aqui descrita não foi das tarefas mais fáceis, uma vez que há muito poucos de seus textos traduzidos ou devidamente analisados, assim como há pouquíssimas obras traduzidas sobre sua vida e, portanto, faz dela uma figura cuja atuação é ainda inexplorada e desconhecida em muitos aspectos.

Como pessoa humana, Briet merece uma atenção especial. Refletindo sobre a sua longa vida, Briet escreveu: “Aos vinte anos, eu tinha como lema: 'Chorar talvez, mas nunca para odiar. Aos quarenta anos era: Servir. Aos oitenta, poderia ser: Voltar para o Espírito” (BRIET, 1976, p. 30, apud MAACK, 2003?)”.

Estes três lemas expressam resumidamente o que mais importava em sua vida pessoal e profissional – sua dedicação ao trabalho e um profundo compromisso com valores humanistas e para a fé católica. Nascida em 1894 e falecida em 1989, Briet fazia parte de uma geração de mulheres jovens que amadureceram em uma nação lutando para enfrentar grandes perdas mudanças sociais significativas e novos desafios nos tempos

posteriores à Guerra Mundial. O objetivo de “nunca odiar” provavelmente reflete experiência da Primeira Guerra Mundial (MAACK, 2003? p. 720).

Conhecer um pouco mais sobre a vida de Suzanne Briet revelou-se uma grata experiência de reflexão sobre o legado deixado por ela e, certamente, nos inspirou a desejar saber mais e investir em novas pesquisas sobre seu trabalho e sua personalidade marcantes. Nosso sincero desejo é que este artigo possa provocar nos/as colegas leitores/as a mesma curiosidade científica em nós despertada.

REFERÊNCIAS

BUCKLAND, Michael. **Suzanne Briet, 1894-1989**: “Madame Documentation”. 1995. Disponível em <http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/briet.html>

BUCKLAND, Michael. **Reflexões sobre Suzanne Briet**. ISKO-France 2017, Paris.

BUCKLAND, Michael. O centenário de "Madame Documentation": Suzanne Briet, 1894-1989. **Jornal da Sociedade Americana de Ciência da Informação**, 46, n.3. abril de 1995. p. 235-237. Disponível em <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/%28SICI%291097-4571%28199504%2946%3A3%3C235%3A%3AAID-ASI7%3E3.0.CO%3B2-I>

BUCKLAND, Michael. **Uma breve biografia de Suzanne Renée Briet**. 2005. Disponível em <http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/Brietaut2.pdf> Acesso em: 07 jul 2018

DAY, Ronald. Suzanne Briet: An Appreciation. **Bulletin The Information Association for the information Age**. Dez. 2006. Jan. 2007. Disponível em <http://www.asis.org/Bulletin/Dec-06/day.html> Acesso em: 07 jul 2018

HAHN, Trudi Bellardo; BUCKLAND, Michael Keeble. **Historical Studies in Information Science**. Medford: Information Today, 1998.

MAACK, Mary Niles. **720 trends for libraries**. Disponível em: <https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/1704/Maack719747.pdf> Acesso em: 07 jul 2018

_____. **The Lady and the Antelope**: Suzanne Briet's Contribution to the French Documentation Movement. [2003?] Disponível em <https://pages.gseis.ucla.edu/faculty/maack/BrietPrePress.htm>. Acesso em 03 jul. 2018.

ORTEGA, Cristina Dotta. A Documentação como origem e base fértil para a fundamentação da Ciência da Informação, 7, ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 2007, Salvador, BA. **Anais eletrônico...** Disponível em <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT1--235.pdf>. Acesso em 03 jul. 2018.

RAUZIER, Jean-Michel. Actualité de Suzanne Briet. **Documentaliste-Sciences de l'information**, septembre-octobre 2006, volume 43, numéro 3-4, editorial In: Savoir CDI. Disponível em:

<https://www.reseau-canope.fr/savoirscdi/societe-de-linformation/le-monde-du-livre-et-de-la-presse/histoire-du-livre-et-de-la-documentation/biographies/suzanne-briet.html> Acesso em 06 jul. 2018

ROBINSON, L. **Document performance**: the backstory. Disponível em: <https://thelynxiblog.com/2016/10/29/documenting-performance-the-backstory/> Acesso em: 20 jul. 2018

SALDANHA, Gustavo. O “fabuloso” antílope de Suzanne Briet: a análise e a crítica da análise neodocumentalista. 13, ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 2012. **Anais eletrônicos...** Disponível em <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xiiienancib/paper/viewFile/3643/2767>. Acesso em 03 jul. 2018.

SOW, Fatou. **La recherche féministe francophone**: langue, identités et enjeux. Paris: KARTHALA, 2009.